

ENTREVISTA: BERENICE NEIDE DE ANDRADE BRANDÃO

Entrevistada: Berenice Neide de Andrade Brandão
Entrevistadora: Fernanda Maria Dias de Araújo Lima

Qual a importância da mediação?

Mediação é como água. Se utilizada no momento certo impede que o incêndio se torne devastador. Depois de deflagrado, o incêndio deixa problema de difícil solução e marcas que exigem, às vezes, uma vida inteira para apagar.

Mediação é como medicamento. Se ministrada no momento exato, evita dores intraduzíveis, além de sempre ter sido fundamental em todas as épocas da humanidade.

Sem mediação, os conflitos podem atravessar séculos, protagonizando dores, rupturas, alastramento de ódios, hematomas na alma. A história da humanidade testemunha nossa afirmação. O homem atual, mais humanizado, tem se interessado por esta questão e isto nos enche de esperanças, porque um bom mediador consegue dar segurança às partes para que cheguem, em tempo desejável, a um entendimento. O mediador é alguém que, do lado de fora da fogueira, pode ter visão mais acertada de onde está começando o incêndio, de onde o foco é mais perigoso.

Não há como mensurar a importância da mediação, mas podemos fazer um estudo dos casos de pessoas e nações que chegaram ao extremo, matando ou morrendo, quando poderiam ter chegado a outros resultados, ao “desejável acordo” somente comum entre homens civilizados, evoluídos, honrados e decentes.

E quanto aos conflitos familiares? Atualmente não temos uma solução muito adequada na seara dos conflitos familistas, que muitas vezes são solucionados por bons estagiários, mas que não têm a maturidade para trabalhar em um conflito de família, não raro compreendendo casais com mais de 20 anos de convivência. E, na ansiedade de colocar fim ao processo, tentam solucionar referidos conflitos em poucos minutos.

O profissional que apresente o perfil do mediador – com compaixão, flexibilidade, paciência, amor pelo próximo, unidos ao conhecimento técnico e à experiência em relações humanas – tem chance de ser alguém desejável no momento conflituoso entre duas ou mais almas sofridas. Qualquer profissional que não entenda a importância dessas virtudes não apresenta capacitação necessária para alcançar o objetivo proposto pela mediação. Há

profissionais na magistratura dignos da nossa reverência. Pequena minoria não tem consciência do manto que vestem. O mediador, além de disponibilidade de tempo, precisa ter flexibilidade, humanidade, compaixão, amor pelos semelhantes. Somente assim desejará êxito no bem-estar dos atendidos, buscando, de fato, que as partes envolvidas em um conflito saiam da sessão de mediação com o coração menos torturado pela dor que as fez procurar ajuda.

Quem é o melhor mediador? Aquele que mais tiver compaixão, mais interesse pela qualidade de vida das pessoas envolvidas.

Você acha que a mediação é uma nova visão de justiça, que está chegando neste momento? É uma justiça nova? Diferente? Observamos vários países trabalhando com a mediação, como EUA e Canadá, desde 1970, e alguns, como o Brasil, apresentando muita resistência à sua adoção.

É justo indagarmos a razão dessa resistência, uma vez que, na mediação, os advogados e juízes terão condições de intervir com muito mais humanidade e receber o bônus da alegria e da ventura, juntamente com o salário que por direito recebem. No procedimento convencional, alguns advogados litigam durante meses ou anos, estendendo – sem pretender, acredito – a rede dos conflitos no tempo, conflitos esses que amarguram os corações, interferem nas relações humanas, produzem cansaço e levam muitas vezes à ruptura de laços afetivos por tempo indeterminado, adiando a solução desejável, que é o entendimento entre os mediados. No procedimento da mediação, esse entendimento é o objetivo principal.

Entendemos que o tempo do litígio é salário garantido ao profissional que opera. E sabemos que, na atualidade, os profissionais da magistratura são promovidos por número de processos baixados. Será justo sermos promovidos, se estivermos despreocupados das dores geradas por sentenças muitas vezes cheias de equívocos? Não podemos nos esquecer de que o juiz é o médium da lei.

Penso que a mediação precisa ocupar seu lugar na sociedade para que, no desempenho de seu legítimo papel, possa ajudar na construção da harmonia na vida do seres, dos lares, das nações. A magistratura no Brasil, sem explicação, caminha a passos lentos, mostra-se inibida para interferir com brilhantismo na vida das pessoas.

É justo afirmar que existem almas atentas, honradas, predispostas a somar esforços para um mundo melhor e que constituem alicerce seguro para quantos queiram operar a lei com brilhantismo. Sabemos igualmente que falta consciência a um número expressivo de pessoas. Quem trabalha com humanidade pensa primeiro no bem-estar geral, pensa em apagar o incêndio provocado pela dor, pela revolta, pelo abandono, pela ignorância. Entendemos que o mediador tem como característica de base, a compaixão, a flexibilidade, o amor.

Jesus disse há dois mil anos: “Faça ao outro o que gostaria que o outro lhe fizesse”. É provável que neste parágrafo o caro leitor pense: “Eu sabia que havia algo do cunho religioso...”.

É justo explicar que, sem estudo teológico que me permita adentrar nesse tema oceânico e sem presunção religiosa, pergunto ao leitor atento: você sabe de fato quem foi Jesus? Reunindo meus superficiais e parcos recursos, posso afirmar que Jesus foi um homem virtuoso, com uma personalidade inconfundível, fascinante, que não pertenceu a uma igreja em particular. Demonstrava uma inteligência singular, um verbo brando, cheio de doçura, comportamento atraente, uma simplicidade sem par. Com seus ensinamentos virtuosos, com seu jeito simples, humilde, pacífico, abalou os alicerces da fé e deu novo rumo ao curso da história. Por que não estudar a filosofia desse homem nas escolas? Por que não inserir seus ensinamentos no currículo acadêmico? Na miopia que nos é característica, não conseguimos focalizar esse senhor, senão trazendo-o para os círculos estreitos das igrejas ou enquadrando-o em alguma ordem religiosa. Um homem desse porte está acima de raça, cor da pele, títulos, sexo, rótulo religioso, nacionalidade.

A história o aponta como um homem excepcional, extraordinário, que se transformou em referência através dos tempos. Antes e depois de Cristo. Ele testemunhou um amor sem medidas. Com nossa visão deficiente e sem o entendimento necessário, colocamos Jesus distante dos meios acadêmicos. Resultado: não compreendemos o óbvio porque Jesus foi o maior mediador de todos os tempos.

Uma questão que me preocupa é que o Projeto de Lei de Mediação dispõe em seu artigo 24 que: “Considera-se conduta inadequada do mediador ou do comediador a sugestão ou recomendação acerca do mérito ou quanto aos termos da resolução do conflito, assessoramento, inclusive legal, ou aconselhamento [...]”. Isto significa que a mediação que será adotada no Brasil é a mediação passiva, ou seja, o mediador não poderá intervir, não poderá aconselhar as partes em momento algum. Ele apenas administrará o conflito e, mesmo que tenha consciência do que está acontecendo, mesmo que tenha uma vivência naquele problema, ele não poderá apontar um caminho.

Antes de dizer algo, preciso deixar claro que eu não tenho conhecimentos maiores sobre o procedimento do silêncio. Hoje, se meu filho fosse o mediado, eu ficaria mais tranquila se o mediador fosse alguém que tivesse humanidade no verbo para acalmá-lo e auxiliá-lo, atenuando-lhe as dores do coração.

Penso que se colocássemos uma babá para tomar conta de uma criança com a determinação de “Não interfira!”, ela certamente iria se sentir sem amparo. O mediador, tanto quanto a babá, não ignora que está com uma vida em suas mãos. Com o coração aberto, usando a inteligência, unindo as virtudes do cérebro e do coração a favor do mediado, penso que pode e deve acender luzes com atos, palavras e pensamentos. Do contrário, entre o mediador e uma múmia pouca diferença haveria, com todo o respeito que ambos merecem.

Como poderíamos inserir a mediação no contexto brasileiro, no Judiciário, no Governo, nas escolas, na sociedade de modo geral? Fazer um movimento para que as pessoas conhecessem a mediação e entendessem que este método não é uma proposta excludente ou de substituição do Poder Judiciário, e sim uma proposta incluyente?

Penso que trabalhos como o atendimento às pessoas, casais e empresas que vivenciam conflitos – como acontece na Fundação Nacional de Mediação de Conflitos – e o atendimento gratuito realizado na Fundação Caminho Verdade e Vida e em outros órgãos, sem pretensões de ganho financeiro, nome ou fama, são uma forma de tornar pública a mediação. Esses atendimentos constituem-se em um espaço aberto para que as famílias, amparadas por profissionais competentes, se confortem, se esclareçam e encontrem meios para prosseguir melhor na vida. Eles são uma intervenção benéfica no organismo enfermo da sociedade, com serviço social de grande porte, socorro justo na emergência e remédio para dor. Sei que o Ministério Público começa a se interessar pela mediação, disponibilizando profissionais competentes para o trabalho indispensável.

Tenho acompanhado o seu trabalho, Dr^a Fernanda, na Fundação Nacional de Mediação de Conflitos, que objetiva a implantação da mediação em Belo Horizonte há quase dez anos. Sua luta tem sido árdua, mas, como você me informou, muitos profissionais competentes têm se interessado pelo tema e se empenhado no projeto. É dessa forma que o trabalho vai sendo disseminado e as pessoas passam a tomar conhecimento da mediação.

Sempre entendi que a lei é um manto tecido com a finalidade de proteger o homem. Notamos que alguns integrantes da cúpula da magistratura estão acanhados. Contudo, com os movimentos pacíficos, bonitos, silenciosos daqueles que trabalham atendendo, mediando, apagando os incêndios, atenuando dores, esperamos que os que detêm o poder na magistratura se animem a implantar de vez a mediação no Brasil. Considero constrangedor constatar que no Brasil ela ainda não foi implantada. É como se não tivéssemos profissionais competentes nem autoridades em exercício, ou como se estivéssemos caminhando à revelia. E todos somos testemunhas dos grandes homens que atuam nessa área, em nossa nação.

É justo afirmar que há uma dormência neste sentido. A mediação já deveria fazer parte do currículo das escolas, mas não faz. Penso que precisamos focar mais este assunto. Quem sabe nos acostumamos com a ideia e nos interessamos por ela...

Pensa-se em criar uma reserva de mercado para que a mediação seja realizada apenas por advogados. Percebemos, com a prática, que a presença do psicólogo é imprescindível. Ele tem um olhar para o conflito diferente do olhar do advogado. São profissionais que possuem habilidades distintas. Acredito que se pudéssemos montar uma comissão interdisciplinar ou multidisciplinar, com olhares das diferentes ciências, o conflito seria solucionado nos seus vários aspectos (emocional, financeiro, legal, psicológico, social). Contudo, percebemos um medo, fazendo com que esse trabalho seja reservado para advogados.

É o egoísmo do homem a grande trava. Os profissionais da mediação precisam ter consciência de que o foco da mediação é a solução do conflito. Aliemo-nos a quantos profissionais forem necessários para encontrar solução viável. O mediador que coloca impedimento à presença de outros profissionais durante o procedimento da mediação não está habilitado a ser mediador. Havendo necessidade, convoquemos quem seja necessário para alcançar o objetivo, que será sempre o entendimento entre as partes. Seja o médico, o sociólogo, o pedreiro, o gari, a professora, o dentista, o vendedor. Tudo o que importa é chegar a um acordo desejável entre as partes. O bom mediador tem consciência da altura de seu dever e, sem reservas, busca e aceita o auxílio de que necessita.

O que é imprescindível ao mediador?

Ao mediador não pode faltar solicitude, humildade, paciência, generosidade, compaixão, flexibilidade, interesse pela vida das pessoas. É imprescindível que o mediador atue sem fronteiras de raça, crença, cor, sexo, cultura, igreja, nacionalidade. É importante também ter consciência do avanço da mediação nos países desenvolvidos, conhecer o pensamento dos homens mais sábios neste tema, fazer um estudo apurado sobre Jesus para compreender que o “Amai-vos uns aos outros” é base segura na qual os grandes homens podem subir para usar as virtudes do seu cérebro e de seu coração. Sem interesse pela vida alheia, sentenciamos sem enxergar o óbvio.

No doutorado, diferentemente do mestrado, temos que criar um objeto novo, um produto novo. Temos várias escolas de mediação, vários homens pensando sobre isto, mas temos uma realidade brasileira que muitas vezes se distingue da realidade da França, dos EUA, do Canadá, do México e de outros países. Nossa proposta no doutorado é estudar todas as Escolas Clássicas de mediação. Estudar e apontar o que cada uma tem de melhor, seus pontos fundamentais e, a partir desses estudos, construir uma metodologia que se adéque à nossa realidade.

A princípio, nossa proposta é trabalhar com a comunidade que não tem acesso à justiça, com aquelas pessoas que, às vezes, ficam tempos na fila de espera da Defensoria Pública, dos Centros de Práticas Jurídicas das Faculdades de Direito, e, como a demanda é muito grande, não são atendidas. Você acha viável construirmos uma metodologia própria, usando o que cada Escola de mediação tem de melhor?

Penso que sim. Cada povo tem o seu perfil. Aproveitemos o estudo desses pensadores fabulosos que se dedicam e trabalham a favor de um mundo melhor para extrair o que mais nos convém. É como se estivéssemos diante de uma mesa farta e pudéssemos escolher quais os alimentos que mais se adéquam ao clima brasileiro e à nossa cultura. Mediação é alimento de alma. Precisamos sim do melhor de cada país que esteja consideravelmente mais adiantado nesse tema e montar um organismo de mediação que consiga atender ao nosso povo sofrido. Penso que o Tribunal Superior de Justiça deve ser em primeiro plano o grande mediador. O procedimento da justiça atual, todos concordamos, está condicionado ao passado, como se estivesse alheio à evolução. Não demora e teremos muitos dos procedimentos atuais enquadrados nas salas dos grandes e fabulosos museus do mundo, porque a humanização desse processo, a mediação, será o caminho, a linha e a ferramenta a serem usados na solução de qualquer conflito. Quem está humanizado medeia sempre.

Podemos afirmar que os nossos magistrados foram capacitados para dirigir com maestria o carro do progresso jurídico. Imaginar os melhores juízes do mundo mediando... nos sentiríamos assegurados em nossa tranquilidade. Conhecemos casos que há dez anos estão na justiça, dez anos nas mãos de um juiz. Às vezes passam por dois juízes, três. Quem são esses juízes? Talvez suas esperanças, seus sonhos de alcançar a excelência no exercício da magistratura, atendendo ao juramento proferido com emoção inegável, no momento solene da formatura, tenham se perdido no meio das pilhas de processos. São silenciosas testemunhas da dor de centenas de almas. Penso que ser juiz é tarefa para grandes homens. Considero por isso que todo juiz deve pensar em Deus, a seu modo, para assegurar a própria serenidade. Quando os executores da lei aprenderem a orar, nunca mais veremos escapar de suas mãos as linhas dos destinos, que seguramente alguém lhes confiou a guarda. Sem mediação, os processos adquirem o tom amarelecido pelo tempo. Muitos já morreram e o processo continua. Não demora muito e esses procedimentos dos operadores da justiça vão estar nos grandes museus do mundo inteiro, assim como estão nos grandes museus as ferramentas usadas na escravidão e os instrumentos de tortura do Holocausto. A mediação terá, então, conquistado a simpatia dos grandes homens e o seu merecido espaço nos tribunais. Será a mediação a ferramenta número um e única, porque as outras serão obsoletas.

Você teria um nome para sugerir para a mediação brasileira? Por exemplo, a do México chamamos de Associativa, nos EUA temos a mediação Transformativa, a Harvardiana e a Circular Narrativa. Queremos associar todas as belezas que cada uma dessas escolas traz, os ensinamentos e valores cristãos, bem como todos os exemplos desses homens que há milênios foram grandes mediadores na Terra. Você teria uma ideia para unir tudo isso?

Temos que pensar para não responder por impulso. Eu não pertenço à linha dos pensadores e posso me enganar.

Na mediação, o mediador avança junto com as partes, constrói uma estrada diferente daquela que eles estão percorrendo, que é conflituosa, cheia de pedras. Construir junto com eles uma outra estrada, onde eles possam caminhar juntos e aprender a arrumar a mala da própria vida, do próprio coração, vencendo a dor e os percalços com respeito. Isso seria uma mediação construtivista.

Achei linda a ideia, adorei. Porque de verdade é isto. A proposta é que as partes construam um novo caminho e comecem a percorrê-lo, porque se no amanhã surgir outro problema, eles já estarão mais fortalecidos, seguros, aptos por si mesmos a resolverem o problema. Muitas vezes até sem precisar procurar pelo mediador. Construir mesmo.

Contudo, sinto-me confortada, deixando essa parte para os que se movimentam com segurança no painel sempre cheio de lustre da magistratura brasileira.

De que maneira o mediador entra para dissolver um conflito? Penso que se o mediador imitasse o sol... Já observaram o sol? Ele chega dissolvendo as trevas da noite sem fazer ruído, sem machucar a ninguém. Se os homens se comportam como os sábios da vida ou os gênios da guerra, não importa; o astro rei surge a cada manhã clareando os caminhos assim mesmo, não é?

É justo lembrar que em meio a este cenário existem pessoas admiráveis no exercício da magistratura. Homens grandiosos, vestindo a capa de um juiz, cujo perfil se nos apresenta emoldurado pelos clarões da lei com que opera há anos, dignificando os tribunais. Outros nomes compõem uma lista interminável que poderíamos citar. Contudo, esse não é o nosso objetivo nesta hora. Continuaremos acompanhando esperançosos os movimentos das almas nobres que operam a lei, enquanto manteremos no altar da nossa reverência os magistrados que atuam com alma, coração e entendimento a favor de todos e contra nenhum.

Quando entramos nos fóruns, temos a sensação de estarmos em um hospital das clínicas. Vemos muitas pessoas sentadas nos corredores com as fisionomias assustadas, cansadas, amedrontadas. É como se estivessem esperando: “Meu Deus, o que é que vão fazer da minha vida?”.

É o medo instalado nas pessoas. Não temos registros de alguém que tenha se sentido confortável diante de uma autoridade, dentro de um fórum. Estranho isso porque nós, que dependemos da justiça, deveríamos ser guardados em seu manto de defesa digna e justa. Nossa gente não pode contar, ainda, com a mão confiável, da Senhora Justiça, que detém em si o poder de nos agasalhar. A população ainda teme a justiça na Terra porque ela é cega. Os executores da lei precisam retirar a venda dos olhos, exercitar o dever de proteção, assegurando a nossa tranquilidade. A justiça precisa marcar sua presença lúcida nos fóruns, nos tribunais, através dos seus representantes. Que gênio estranho é esse que adentrou nas universidades, nos templos da justiça, usurpando a humildade dos homens, tornando-os vaidosos em demasia, ensinando uma

conduta igualmente estranha para aqueles que deveriam ser cheios de humanidade? Que gênio estranho esse que diploma homens com o cérebro repleto de textos técnicos e coração deserto. Que gênio terrível conseguiu afastá-los tanto de Deus?!

Estejamos tranquilos todos nós que somos os sedentos de justiça, porque a justiça de Deus não deixa de marcar presença sobre a vida dos bons e dos maus, dos cultos e incultos, dos pobres e ricos. “Bem Aventurados os sedentos de justiça porque serão saciados”.

Algo existe acima das misérias humanas porque dessas mesmas universidades, saem homens honrados e decentes, que fazem jus ao título conquistado e que se transformam em executores da lei, verdadeiros monumentos a colorir de esperanças todos nós que, observando-os, temos a certeza de que a justiça tem sim, uma visão apuradíssima e um grande coração.

Outra coisa que temos observado é que a mediação faz parte da nossa vida. Certa vez ouvi você falar que não podemos falsear, falar de mediação, dar palestras de mediação e fomentar o conflito em casa, ou não conseguir mediar o conflito em casa.

No Congresso Mundial em Mediação de Conflitos, em 2010, na Argentina, observei duas pessoas que são mediadores renomados e conhecidos destratando pessoas na mesa. Perguntei-me: “São esses os famosos autores de mediação, os que escrevem livros e livros sobre o tema e que têm essa postura?”. A pessoa destratada era um latinoamericano de pele negra, que presidia a mesa.

Não compreendo... Esse homem que aparenta tamanha enfermidade estava num congresso? Congresso de mediação? A presença dele não seria um equívoco?

Temos observado também que esse meio acadêmico está virando um mercado. Você tem que produzir para que os programas de doutorado e mestrado sejam bem avaliados pela CAPES e pelo MEC. Devemos ter muitos artigos e livros publicados, não sei quantos, e esse peso recai sobre nossos ombros. Temos que produzir, produzir e produzir. Mais uma vez, privilegia-se o critério da quantidade.

E a outra questão é a apresentação de trabalho. Uma colega de doutorado irá apresentar um trabalho aqui no Brasil e terá cinco minutos para apresentar esse trabalho. Será que isso não está virando uma mentalidade doentia no meio acadêmico?

O meio acadêmico em grande parte está enfermo. Qualquer criatura normal e lúcida carece de um tempo cedido com respeito para se apresentar com a elegância e clareza devida. O que pretendemos? Se convidamos alguém para falar na tribuna de um congresso, penso que nosso convite fala da nossa confiança e do nosso desejo de ouvir o convidado. Supondo que nosso convite esteja aliado tão somente à necessidade – diga-se de passagem, injustificável – de colher textos, pontuações etc., ainda assim

seria respeitoso ponderar sobre a distância, o preparo, os custos, enfim, as dificuldades que o convidado superou para estar pontualmente naquele lugar. Entendemos, em sã consciência, que o convidado merece mais do que cinco, dez, quinze ou trinta minutos.

Outra coisa que vemos é que nos projetos de mestrado e doutorado temos que levantar milhões de problemas e acabamos ficando presos a eles. Raras vezes temos condição de parar e pensar nas soluções. É como se soubéssemos que esses problemas já existem. Mas qual é o auxílio que temos da área acadêmica, dos professores e do programa para viabilizar a busca de soluções para os problemas levantados?

É por isso que nós temos, todo ano, milhões de alunos mestres, milhões de alunos doutores em todas as áreas acadêmicas. E o mundo nesse caos. O momento exige uma severa revisão das grades curriculares, do comportamento de professores e alunos, se pretendemos formar pessoas mais humanas e capacitadas, para somar na construção de um mundo melhor.

Determina-se hoje que um artigo deva ser produzido em curto espaço de tempo, sobre um tema oceânico. Raros irão ler esse artigo e, se for publicado, uma porcentagem mínima vai se interessar. São milhões de centenas de alunos no mundo inteiro fazendo a mesma coisa, milhões de pessoas falando em cinco minutos, por injustificável imposição. Milhões de pessoas que se aglomeram nos

congressos sem prestar atenção em coisa alguma. Considero que precisamos de um tempo para olhar para os nossos alunos e para nós mesmos com o respeito devido. Existem, neste meio, professores belíssimos, manietados por estarem submetidos à programação das injustificáveis exigências do meio acadêmico, e muitas vezes o colorido dessas almas românticas e cultas ficam sufocadas pelo sistema impositivo, mais financeiro que educativo. E isso é cruel.

Li o seu livro “Tocando nas Estrelas”, e hoje o usamos muito durante as sessões de mediação, porque percebemos, na prática, que quando tocamos no canto de estrelas, ou seja, nas qualidades das pessoas, quando enxergamos o lado bom que o ser humano traz em si, ele se sente valorizado. E quando a qualidade é ressaltada por aquele que está envolvido no conflito, a parte que ouve, muitas vezes, manifesta-se dizendo: “Não imaginava que pensasse assim a meu respeito”. Ao fazê-lo, estamos utilizando a técnica do “Tocando nas Estrelas”.

A técnica do “Tocando nas Estrelas” é simples, milenar e eficiente. Com ela, aprendemos a trabalhar a partir do melhor que a pessoa tem, sem preconceito de raça, crença, cor, igreja, rótulo religioso ou nacionalidade. Todas as vezes que focamos o melhor das pessoas, elas tendem a nos oferecer o melhor que elas trazem.

Obrigada, Berenice.

Revisão: Fernanda Cunha Pinheiro da Silva